

Grażyna Jadwiszczak
Uniwersytet im. Adama Mickiewicza w Poznaniu
porto@amu.edu.pl

O fenómeno *Amália* – um capítulo crucial na história religiosa do Fado

Resumo:

O presente artigo trata do fenómeno “Amália Rodrigues” em perspetiva da religiosidade do género do Fado. A análise da atitude religiosa da fadista baseia-se na imagem de Amália criada por Vítor Pavão dos Santos no seu livro intitulado *Amália – Uma Biografia* e apresenta alguns aspetos fundamentais da sua devoção – concentrando-se em grandes tópicos tais como religião/catolicismo, Deus, Igreja, moralidade, práticas devocionais, Nossa Senhora ou liberdade versus fatalismo, tenta descobrir nas suas manifestações concretas elementos da tipicidade portuguesa e da especificidade amaliana.

Palavras-chave: Amália Rodrigues, fado, fadista, música popular, religiosidade.

Abstract:

The phenomenon *Amália* – a crucial chapter in the religious history of Fado

The present article treats “the phenomenon of Amália Rodrigues” in the perspective of religiousness of the Fado genre. The analysis of the *fadista's* religious attitude is based on Amália's image created by Vítor Pavão dos Santos in his book entitled *Amália – Uma Biografia* and presents some fundamental aspects of her

devotion. The issues include: religion/catholicism, God, the Church, morality, religious practices, God's Mother or freedom versus fatalism. The analysis attempts to discover concrete manifestations of the above listed issues and differentiate between what is typically Portuguese and what is specifically Amalian.

Keywords: Amália Rodrigues, fado, fadista, popular music, religiousness.

José Pinto Ribeiro de Carvalho (Tinop), autor da primeira monografia dedicada ao Fado *História do Fado* (1903), ao abordar a especificidade da terminologia fadista afirma: “chamam *canto sagrado*, *canto ao Divino*, ou *canto à Escritura*, quando o canto se refere a assuntos religiosos ou a assuntos da Escritura” [Carvalho, 1992: 94]. No ano seguinte, Alberto Pimentel em *A Triste Canção do Sul*, ao apresentar a primeira tentativa de sistematização de temáticas da poesia popular fadista de oitocentos, na alínea “i” enumera “Passagens da Bíblia, assumptos religiosos, especialmente relativos à vida eterna (...)” [Pimentel, 1989: 103].

A “questão religiosa” trespassa toda a história deste género poético-musical desde as suas origens até ao Novo Fado ou ainda até ao Fado do século XXI, assumindo atitudes diversas e mostrando inúmeras faces da mesma realidade. E não surpreende a notoriedade da fusão Religião-Fado se, à luz da afirmação muito certa do eminente historiador brasileiro, Gilberto Freire, “Nenhum cristianismo mais humano e mais lírico do que o português” [Freyre, 2003: 302]¹.

Nessa perspetiva, torna-se muito interessante, apesar de aparentemente óbvio, analisar os traços da “religiosidade” do fenómeno Amália que se evidenciam basicamente em três áreas da sua (auto) criação, nomeadamente, nas confissões biográficas, nos versos da sua autoria (cantados ou não)² e, finalmente, na sua predileção poética fadista manifestada pela especificidade do repertório por si escolhido

¹ Os temas religiosos no Fado mencionam também: Sucena [s/d.: vol. I, 42], Nery [2004: 86-87; 2012: 125-130], Brito [1994: 21-22], Sardinha [2010: 54, 87-88, 179-180, 192-194], Lima [2004: 66], Gouveia [2010: 175-176].

² Sobre os poemas de Amália ver [Carvas, 2009: 127] e *Nota Final* de Vítor Pavão dos Santos em [Rodrigues, 2005: 109-111].

e cantado (nesta vertente, não seria irrelevante examinar alguns elementos fundamentais da sua arte performativa como formas específicas da prática devocional ou reza corporal).

Este artigo, por requisitos formais de publicação, aborda apenas o primeiro componente do mosaico – a religiosidade nomeada e confessada na narrativa semioral da biografia de Amália – que, indubitavelmente, no nosso entender, tece um épico pano de fundo excelente para a investigação dos elementos de carácter mais lírico da religiosidade encantada na poesia dos dois restantes componentes.

Amália. Uma biografia de Vítor Pavão dos Santos – confissões quase autobiográficas

O livro de Vítor Pavão dos Santos *Amália. Uma biografia* surgiu em resultado de 25 conversas noturnas que o autor tivera com a fadista nos anos 1982-1986 e, segundo a sua forte convicção, devia pintar “um retrato oral da Amália (...) sem truques nem retoques” [Santos, 2005: 22]³. Realmente, a incrível força interior do texto provém do facto de ele ser discursado, falado ou monologado na primeira pessoa do singular – é a própria Amália que conta a sua vida, que se conta a si mesma ao leitor-amigo na intimidade de um encontro a sós⁴. E apesar da inevitável,

³ Aqui, a título de imparcialidade da verdade, é imprescindível citar o parágrafo que encerra a biografia e que evidencia o ceticismo que Amália manifesta em relação a fidedignidade de biografias póstumas em geral: “Mas quando fizem a minha história e eu já não for viva para dizer como foi, então é que se vão fartar de inventar. Mesmo falando por mim, muita gente dirá que não é verdade, que os boatos é que são a verdade (...) sei que a minha história vai ser aquela que escolherem, aquela que é a mais interessante, aquela que não é a minha” [Santos, 2005: 181].

⁴ Numa conversa pessoal que tive com Vítor Pavão dos Santos em Lisboa em 2008, ele fez questão de afirmar que, apesar do carácter do seu livro e da especificidade da narração, o autor da obra era ele e não Amália.

óbvia e natural interferência de autocriação da artista já na fase das tertúlias e posteriormente de criação literária no momento da montagem e composição do material, bem como no processo da própria escrita, a imagem que se nos oferece cativa com a sua pluridimensão humana e nos convence de estarmos perante uma confissão sincera e fidedigna.

O núcleo duro da declaração da fé da Amália biografada resume-se numa simples frase: “Creio em Deus”, reforçada logo a seguir pela expressão “sou muito crente” [*ibidem*, 177] que encontramos no capítulo de encerramento da confissão da “Deusa do Fado” [*ibidem*, 195].

A partir desse testemunho, podemos já tentar seguir diferentes pistas que as histórias de Amália nos oferecem, desvendar significados, até segredos, das revelações espirituais com que nos deparamos para, finalmente, começar a completar um patchwork, pouco ortodoxo, frequentemente não coeso por completo, da face religiosa de “Amália muito crente”.

1. Religião

Que tipo de religião é que Amália retratada por Vítor Pavão dos Santos confessa? De que espécie de religiosidade tem (auto)consciência?

(...) mesmo que não haja Céu continuo a acreditar. Não acredito só por haver Céu, só por interesse nisso. A minha religião não tem nada a ver com a religião que está escrita, que é seguida. Sei perfeitamente que sou má católica, mas gostava de ser boa católica.

Não sou esclarecida, mas não quero esclarecimentos. Gosto de acreditar naquilo em que acredito. Porque quando o esclarecimento é pior do que aquilo em que acredito, fico infeliz e isso já eu sou bastante. Eu não forço nada. Acredito e gosto. (...) Não quero pensar, nem compreender. A minha fé é minha, não tem nada a ver com sabedorias. Eu aceito sem pensar e não deixo que me criem dúvidas. Defendo-me disso, senão era tudo muito pior [*ibidem*: 177].

Amália considera-se católica – é a religião que herdou, nascendo portuguesa (“Entrei na religião com a minha avó” [*ibidem*: 178]) e que deseja seguir (“mas não saí com ela, fiquei” [*ibidem*: 178]) – mas uma católica “má” por não se alinhar, nem querer ajustar-se, nos requisitos, regras ou mandamentos “escritos” – doutrinários, formais ou institucionais. A sua fé parece ser extremamente individualizada, emocional e intuitiva. Possui, todavia, também o lado pragmático – serve, e tem de cumprir obrigatoriamente esse serviço, de fundamento sólido para (sobre)viver o dia a dia, de base segura do bem estar, de consolo, refúgio, enfim, de panaceia contra todo o mal, especialmente toda a tristeza e fealdade que perseguiram, maltratavam e deprimiam Amália durante a vida inteira. Constitui, pelo menos parcialmente, uma criação sublime, subjetiva e sentimental, dum mundo paralelo tolerável, dum espaço controlado e dominado por ela, que lhe assegura uma dose suficiente de paz, segurança e contentamento internos, um contrabalanço para a desilusão e pessimismo inatos.

A finalidade do catolicismo amaliano não visa à salvação, a perspectiva não é a da vida eterna (embora em “o Padre Nosso da aldeia” [*ibidem*: 178] que reza sempre antes de dormir, a peça) – a sua religião é antes uma maneira de lidar com o quotidiano terrestre insuportável e com a sua personalidade tão complicada que se tornava nociva. Na religião Amália encontra uma arma de defesa e autodefesa⁵.

2. Deus

“Há quem me queira falar de Deus, mas eu não quero. Parece que me trazem Deus mais cá para baixo. Deus é a única esperança de Beleza Total” [*ibidem*: 177]. E ainda dois parágrafos antes: “A única esperança de uma Beleza Total, de uma realidade melhor que aquela que conhecemos, é Deus [*ibidem*: 177].

⁵ Cf. Carvas, 2009: 142-143.

O Deus de Amália, centro do seu “catolicismo mau” é o Deus de “lá de cima”, é esperança mas não vivência, é toda a perfeição futura – as tais “Beleza Total” e “realidade melhor” – que faz falta “cá” (...) em “baixo” e que, em forma de expectativa, pode fazer a vida terrestre suportável⁶.

O Deus amaliano é o único “recurso” possível que, talvez um dia, satisfaça os desejos e as saudades mais profundas do seu coração, sempre sangrento, sempre a sentir a falta e o vazio, constantemente com fome e sede insaciáveis. Amália mais do que acredita/confia em Deus, quer acreditar nEle, criando-O à sua medida/à sua maneira/às suas necessidades, quaisquer que sejam; precisa da existência do seu Deus para poder continuar a viver e a conviver com este mundo e consigo mesma⁷. O Deus de Amália não coincide, às vezes positivamente, outras vezes por assim calhar, com O da doutrina, nem com O do ensinamento e das práticas da Igreja Católica Romana, nem com O dos teólogos. Assemelha-se mais aos deuses das intuições orgânicas, primárias. Parece que é essa a dinâmica da religiosidade dela e esse o seu caminho da fé.

3. Igreja

Amália não tem a noção clara, certa e concreta da realidade da Igreja Católica, da união entre Deus e a sua Igreja, nem do significado da Missa:

São conversas que a pessoa tem com Deus e não têm nada a ver com a Igreja. Eu falo muito com Deus e não vou muito à missa, mas não sou contra a Igreja. Até acho que estou em pecado não indo à missa. Por isso desculpo-me com estas orações que a minha avó me ensinou e, como

⁶ “Eu acredito em Deus, sem medo do inferno, nem esperança no céu” [*ibidem*: 140].

⁷ Ver também Carvas [*ibidem*: 34].

gosto delas, como as sinto, estou convencida que isto é rezar. Há uma, que dizia a minha avó que dizê-la era o mesmo que ir à missa, que lhe tinha dito um padre que ainda era melhor que ir à missa:

Já tocam à missa
Meu Deus, meu redentor
A hóstia consagrada
O corpo do Senhor
S. José escrivão
Menino Jesus mete a sua petição
Para que eu tenha quinhão na missa
Com aqueles que lá estão [*ibidem*: 179].

Amália não se opõe intelectualmente à Igreja, mas separa nitidamente as manifestações da sua piedade, nomeadamente as suas orações, da vitalidade e funcionamento da Igreja, não cumpre a obrigação de participar na Eucaristia dominical, mas, apesar de não se sentir inteiramente correta, não percebe a razão do seu “pecado”, não conhece a diferença entre a Missa e qualquer outra reza. Parece que ela não sabe em quem/que acredita – Amália sente a sua fé, a herança da avó – com alguns ritos e ideias bem populares – que foi completando ao longo da vida em função do seu coração, dos seus sentimentos e desejos.

4. Moralidade

Durante toda a vida, Amália insiste na sua ligação à Beira Baixa, terra natal dos seus pais, e não apenas quando indica a origem das suas famosíssimas “voltinhas” que se tornaram a imagem de marca do seu estilo fadista, mas, sobretudo, quando se refere à sua maneira de ser e estar. Em consequência, também a matriz da sua religiosidade, especialmente quanto às regras morais, vem das terras do Fundão.

Amália várias vezes alude às suas raízes beirãs, salientando invariavelmente a tradicional severidade de costumes (“Tive sempre uma

família de Beira Baixa, que usou saia comprida” [*ibidem*: 139] “Tinham [os avós] uns princípios muito rígidos, ambos nascidos numa aldeia” [*ibidem*: 33]), a humildade, modéstia e um específico conformismo natos (“somos pessoas assim, nunca nos revoltámos com a vida” [*ibidem*: 41]), a disciplina e o respeito pelos familiares mais idosos, que se manifestavam p. ex. no belo costume de pedir bênção aos avós [*ibidem*: 40], bem como a má fama do Fado que afetou a fadista e os seus pais em forma dum certo ostracismo (“Houve pessoas da família da minha avó que até deixaram de falar aos meus pais por eu cantar o fado. Até o meu avô, que era tão meu amigo, não gostou” [*ibidem*: 55]). Faz questão de afirmar o seu seguimento consciente e voluntário das regras adquiridas na infância:

A moral da minha família é a minha, senão já teria mudado. Já tenho idade para pensar pela minha cabeça. Abracei a mentalidade que me foi imposta quando era miúda e aceito-a. Acho que as regras existem. É como escrever. Se faltam letras fazem-se erros. É muito estranho um mundo sem regras. Para mim viver sem regras já é uma regra. Pela vida fora posso ter faltado aos princípios, mas acusando-me, sentindo-me em falta. Há pessoas que não fazem na vida nem metade do que eu fiz, que nunca saem do caminho. Gostava de ser uma dessas pessoas [*ibidem*: 177].

É também ciente da proveniência dalguns dos seus complexos e comportamentos marcados por um específico conservadorismo aldeão que ou lhe complicavam a carreira da artista de teatro de revista (“havia coisas que eu não era capaz de dizer, como um grande palavrão ou a insinuação do mesmo (...) não era capaz de mostrar a perna” [*ibidem*: 71]), ou a inspiraram a alterar a postura de fadista (“O meu ar é talvez mais de provinciana. Fui criada com uma família muito severa, talvez fosse essa severidade que nunca me deixou pôr a mão na anca e tomar certas atitudes chamadas fadistas” [*ibidem*: 84]).

Contudo, a moralidade amaliana, apesar das raízes populares e cristãs, não segue à risca os mandamentos católicos, pelo contrário, é seletiva, mais sentimental do que heroica, mais subjetiva do que obediente. Quando Amália nos conta as peripécias do seu namoro e casamento com Francisco da Cruz, apercebemo-nos logo dos juízos

de valor e dos mecanismos da mentalidade e comportamento considerados popularmente cristãos:

Até que nos adiantámos, antes de casar. Quando me aconteceu aquilo (...). Fiquei com medo de tudo, como se fosse a pior coisa do mundo que me tivesse acontecido. (...) Aquilo foi um drama lá em casa. E os meus irmãos foram falar com o rapaz (...). A minha família não desistia. Queria obrigar o rapaz a casar comigo [*ibidem*: 48]⁸.

Na vida adulta da fadista, todavia, há decisões e escolhas que obviamente contradizem a ética considerada pela Igreja correta e que, na altura, certamente, deviam ter sido vistas como muito “progressistas” ou extravagantes, “artísticas” ou “mundanas”⁹. São os casos do seu divórcio [*ibidem*: 50], do seu romance com o tal Pita que durou dez anos [*ibidem*: 92]¹⁰, do seu segundo casamento¹¹ e, talvez, da sua relação bem misteriosa, por vezes bastante bizarra, com o bancário, Dr. Ricardo Espírito Santo, “homem casado e com quatro filhas” [*ibidem*: 89]¹².

Da sua perceção religiosa da postura moral resulta a existência na hierarquia de valores amaliana da noção do pecado – no entender de Amália o ato que infringe as regras impostas pela religião ou que faz mal ao outro [*ibidem*: 177]. Todavia, também nesta matéria Amália costuma orientar-se maioritariamente pela intuição e pela sua medida

⁸ Sobre o primeiro casamento de Amália ver também Carvas [*ibidem*: 135-136].

⁹ Ver também Carvas [*ibidem*: 125, 148].

¹⁰ Sobre a relação com Eduardo Pita Ricciardi ver também Carvas [*ibidem*: 136].

¹¹ Nas conversas que tive com Estrela Cravas, esta revelou-me que Amália, durante a vida inteira, sentia remorsos por não ter casado com César Seabra pela Igreja, considerava-se “em pecado”.

¹² Os “depoimentos” de Amália acerca do “caso” são pouco coerentes: apesar de rejeitar claramente as insinuações e boatos: “O Ricardo era muito vaidoso, gostava de se exibir com as mulheres que estavam a fazer sucesso. Falava muito à bem, a mim não me agradava. Era um homem muito bonito mas nunca gostei dele. Eu queria lá um homem casado e com quatro filhas!” [Santos, 2005: 89]. Dois parágrafos antes conta uns episódios que provam uma séria confusão dos princípios morais: “(...) ele tentou comigo o que tentava com muita gente e eu até muitas vezes fui à igreja para Deus fazer com que eu gostasse dele” [*ibidem*]. Sobre o mesmo assunto ver Carvas [2005: 35].

própria de bom senso, nem sempre conhecendo, percebendo ou aceitando as avaliações oficiais do magistério da Igreja¹³.

Também a reconciliação praticada por Amália não é de uma “boa católica” – Amália não recorre aos devidos sacramentos, mas contenta-se com a sua autossuficiência: “Quanto ao pecado, faço as minhas contas com Nossa Senhora e Nosso Senhor” [*ibidem*: 177].

5. Práticas devocionais

Há fenómenos de devoção e rituais religiosos que gozam duma importância especial no mapa da piedade amaliana.

Já mencionámos a sua predileção pelas rezas informais e espontâneas.

Amália, no decorrer da biografia, menciona dois Natais – o primeiro é uma lembrança da infância e do único brinquedo que teve na vida [*ibidem*: 34], o outro, do ano 1944, marca o fim da sua primeira tournée brasileira – a fadista, cheia de saudades, quis passar o Natal em Portugal [*ibidem*: 78]. Parece que as associações que Amália faz com estas festas harmonizam com a média das simpatias manifestadas pelo Portugal católico – é uma festa tradicional e familiar de carácter não apenas religioso, mas também lúdico-popular, relacionada fortemente com o ritual de ofertas de prendas, tão amado especialmente pelas crianças, um acontecimento importante na vida e identidade comunitárias¹⁴.

As práticas religiosas da fadista confundem-se frequentemente com a sua tendência para a superstição:

¹³ „Se uma pessoa realmente se quer matar é porque está desesperada, mas não vai fazer mal a ninguém. Ser proibido uma pessoa matar-se é uma medida que a religião tomou para as pessoas não se andarem a matar. Porque Nossa Senhora não vai castigar ninguém lá porque se quis matar. Castigada já essa pessoa está” [Santos, 2005: 177].

¹⁴ Os Natais na casa de Amália em Carvas [2005: 101].

E sou também supersticiosa. Antes de entrar no palco benzo-me três vezes, rezo três vezes aos meus santinhos todos, entro sempre com o pé direito e levo os santinhos todos comigo. Senão não entro. Lá tem que ir alguém a casa, a correr, buscá-los. E rezo sempre uma oração a Nossa Senhora do Carmo... [*ibidem*: 178].

Amália dá também uma certa importância ao Zodíaco [*ibidem*: 134], reconhecendo influências dos astros sobre diferentes personalidades humanas¹⁵.

As formas de devoção praticadas pela fadista provam o seu ecletismo religioso e, mais uma vez, o cunho bastante subjetivo e livre da sua vida espiritual, onde, ao lado da prevalência de elementos cristãos, coexistem reminiscências esotéricas, mágicas ou pagãs.

6. Nossa Senhora

“A devoção mariana é um facto relevante na piedade pessoal de muitos Portugueses” [Clemente, 2008: 63], constata D. Manuel Clemente, o atual Patriarca de Lisboa¹⁶. Amália, neste aspeto, não destoa do seu amado povo Lusitano. É muito devota de Maria, especialmente a venerada sob o nome de Nossa Senhora do Carmo¹⁷. Reza “sempre” uma oração popular a Nossa Senhora do Carmo aprendida da avó:

Com a cruz de Jesus me deito
Com a cruz de Jesus me levante
Caia a cruz de Jesus do Céu à Terra

¹⁵ Sobre as “Devoções e adivinhações” de Amália ver também Carvas [*ibidem*: 68].

¹⁶ D. Manuel III – nomeação: 18.05.2013; entrada solene: 7.07.2013.

¹⁷ A fotobiografia, organizada e escrita por Vítor Pavão dos Santos, na página 10 dá a prova da devoção amaliana por Nossa Senhora do Carmo e pelos “santinhos” [Santos, 1992: 10].

Caia e venha sobre mim
 Nossa Senhora do Carmo fale e responda por mim

[Santos, 2005, 178].

E antes de entrar em cena, reza uma versão da sua autoria da mesma oração:

Com a cruz de Jesus entre em cena
 Com a cruz de Jesus esteja em cena
 Caia a cruz de Jesus do Céu à cena
 Caia e venha sobre mim
 Nossa Senhora do Carmo cante e esteja em cena por mim

[*ibidem*: 178].

A sua entrega à Mãe de Deus chega a ser tão radical que, às vezes, quando não canta bem, diz que “a Nossa Senhora do Carmo é que tem a culpa, que ela é que cantou mal” [*ibidem*: 178]. Quiçá, nesta intimidade filial e emotividade infantil, ecoam as dores da pequena Amália, criada no ambiente severo da casa da avó, longe do colo e da ternura maternas¹⁸.

A história da relação de Amália com a Mãe de Deus contém um episódio bem comovente:

Quando fui para o Casino de Copacabana, aquela Nossa Senhora de Copacabana, que está à entrada do túnel para a Avenida de Copacabana, estava completamente sozinha. Eu comecei a ter muito sucesso, enchiam-me de flores (...) e eu saía com aquelas flores todas (...) e punha as flores todas àquela Nossa Senhora, que estava ali sozinha. Ao mesmo tempo, agradecia e dava exemplo. Fui muitas vezes seguidas ao Brasil, pus lá tantas vezes flores e flores dias seguidos (...) [*ibidem*: 81].

Anos depois, a Nossa Senhora de Copacabana recebeu o abrigo e a companhia da “igreja com gradeamento (...) cheia de velas, gente a vender velas, aquela romaria toda” [*ibidem*: 81] e assim Amália, continuando na onda da devoção extremamente emocional e muito

¹⁸ Sobre a devoção mariana de Amália ver Carvas [2005: 102, 150]. Carvas menciona também o amor especial pelo Menino Jesus Cravas [*ibidem*: 143].

subjetiva, espontaneamente inaugurou no Brasil um lugar de culto da sua Santa predileta¹⁹.

8. Liberdade vs. fatalismo

O fatalismo que impregna a tradição cultural portuguesa e, especialmente, o próprio Fado como género poético-musical²⁰, marca igualmente a esfera espiritual e religiosa da personalidade de Amália. O fatalismo, presumindo a dependência total e inevitável da impessoal sina ou dos desígnios do destino-Deus, discorda nitidamente da noção da liberdade do ser humano, intrínseca na doutrina católica. Mesmo assim, a mentalidade popular adaptou-o à crença em Deus onnipoderoso e esta mestiçagem mental e religiosa vem à tona tanto nas situações do quotidiano, como nos momentos de natureza mais misteriosa.

Assim, ao falar sobre a sua carreira, Amália diz: “Quem me fez artista foi Nosso Senhor e a minha mãe ajudou um bocado” [*ibidem*: 89].

O fatalismo amaliano é maioritariamente triste e profundamente pessimista, é a base muito poderosa do lado escuro da fadista. Não é por acaso que a biografia começa logo com a seguinte frase: “Desde que existe morte, imediatamente a vida é absurda” [*ibidem*: 25]²¹, a frase que claramente nega uma das verdades do credo católico²².

¹⁹ Rui Afonso Santos no ensaio “O traje, as joias e a moda” em *Amália. Coração Independente* [2009: 265 (catálogo)], diz certamente: “«Minha Senhora / Nossa Senhora / Nossa Senhora de Portugal» – são versos de Ary dos Santos que traçam de Amália o justíssimo retrato, na definição de uma imagem da Portugalidade para a qual Amália tanto contribuiu”.

²⁰ Ver também Carvalho [1999: 53-63].

²¹ Outra versão da mesma confissão ver Carvas [2005: 140].

²² Credo católico: “(...) E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir”.

9. Miscelânea à laia de conclusões finais

Para finalizar o panorama da religiosidade amaliana segundo a sua biografia elaborada com muito carinho por Vítor Pavão dos Santos, convém citar ainda dois acontecimentos ali mencionados.

O primeiro evento tem a ver com a sua carreira internacional – em 1963 Amália foi convidada a cantar “numa missa de ação de graças pela independência do Líbano” [*ibidem*: 159]:

Também gosto de cantar nos países árabes. Sempre senti que temos uma grande influência árabe (...) Cantei tantas vezes em Beirute. Até num Te Deum na catedral. Quando lá fui julguei que era só para cantar uma coisa, mas depois o padre pediu-me para cantar mais outra e mais outra. Foi a missa toda cantada [*ibidem*: 159]²³.

O segundo não é exatamente um evento, mas... um boato. Surgiu na época após o 25 de Abril, numa altura muito difícil na vida pública de Amália, quando a fadista teve que enfrentar frequentemente acusações injustas:

Em Paris andavam atrás de mim para fazer declarações políticas e, como eu dizia que tinha uma vida normal, escreveram que a “Amália Rodrigues está com uma depressão nervosa e vai entrar para um convento” [*ibidem*: 165].

Referências bibliográficas

Amália. Coração Independente (2009), Museu Coleção Berardo, Lisboa [catálogo].

BRITO, J. P., de (ed.) (1994), *Fado. Vozes e Sombras*, Electa – Lisboa 94, Lisboa [catálogo].

²³ Mais informações sobre esta atuação especial em Sucena [s/d.: vol. II, 263].

- CARVALHO, J. P. R., de (Tinop) (1992), *História do Fado*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- CARVALHO, R., de (1999), *Um Século de Fado*, Ediclube, Lisboa.
- CARVAS, E. (2009), *Os Meus 30 Anos com Amália*, Guerra & Paz, Lisboa.
- CLEMENTE, M. (2008), *Portugal e os Portugueses*, Assírio & Alvim, Porto.
- EL-SHAWAN CASTELO-BRANCO, S., BRANCO, J. F. (ed.) (2003), *Vozes do Povo. A Folclorização em Portugal*, Celta, Oeiras.
- FREYRE, G. (2003), *Casa-Grande & Senzala*, Global Editora, São Paulo.
- GOUVEIA, D. (2010), *Ao Fado Tudo Se Canta?*, DG Edições, Linda-a-Velha.
- LIMA, P. (2004), *O Fado Operário no Alentejo. Séculos XIX, XX. O Contexto do Profanista Manuel José Santinhos*, Tradisom, Vila Verde.
- MELO, I. (ed.) (2009), *Amália no Mundo. O Mundo de Amália. Amália in the World. The World of Amália*, Panteão Nacional, Lisboa [catálogo].
- MOURA, V. G. (2010), *Amália: Dos Poetas Populares aos Poetas Cultivados*, Tugaland, Lisboa.
- NERY, R. V. (2004), *Para uma História do Fado*, Público–Corda Seca, Lisboa.
- NERY, R. V. (2009), *Pensar Amália*, Tugaland, Lisboa.
- NERY, R. V. (2012), *Fado – Um Património Vivo*, CTT, Lisboa.
- PIMENTEL, A. (1989), *A Triste Canção do Sul*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- RODRIGUES, A. (2005), *Versos*, Livros Cotovia, Lisboa.
- SANTOS, V. P., dos (1992), *Amália. Uma Estranha Forma de Vida*, Verbo, Lisboa–São Paulo.
- SANTOS, V. P., dos (2005), *Amália – Uma Biografia*, Editorial Presença, Lisboa.
- SARDINHA, J. A. (2010), *A Origem do Fado*, Tradisom, Vila Verde.
- SUCENA, E. (s/d.), *Lisboa, o Fado e os Fadistas*, Multilar.